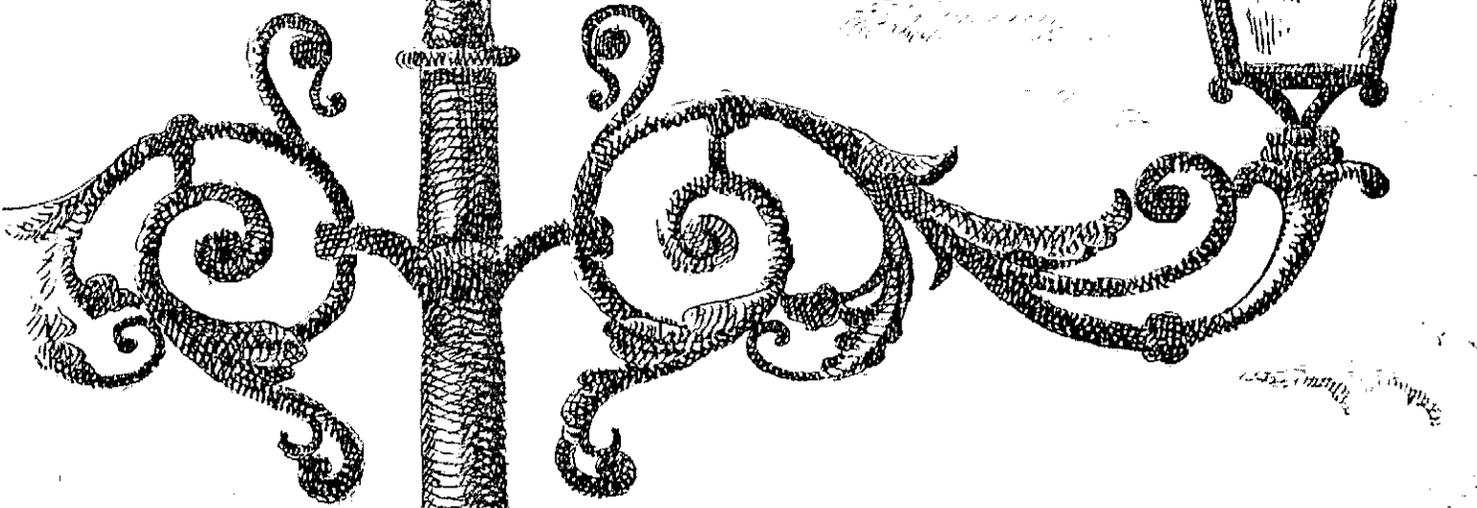


O DESBRAVADOR

ORGÃO DO CRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



O MUNDO ESTÁ AS ESCURAS, POIS ESTÁ LONGE DA VERDADEIRA LUZ: NOSSO SENHOR JESUS CRISTO. PEÇAMOS A NOSSA SENHORA A GRAÇA DE OS HOMENS SE APROXIMAREM DE NOVO DELE, E ENTÃO HAVERÁ PARA OS HOMENS, OUTRA VEZ LUZ, POIS QUEM O SEGUE NÃO ANDA EM TREVAS.

ANO 8

AGOSTO 87

NUMERO 92



CÚRIA DIOCESANA DE ANÁPOLIS

PRAÇA BOM JESUS - CAIXA POSTAL 178 - FONE 324-3578
71.100 - ANÁPOLIS - GOIÁS

*Escreve
o leitor*

Anápolis, 26 de agosto de 1987

Ilmo. Sr.
Messias Mattos
DD. Diretor de "O Desbravador"
Caixa Postal 6416
01000 São Paulo - SP

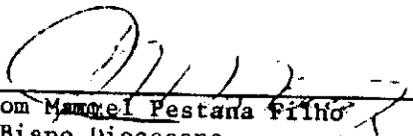
Senhor Diretor

Em mãos os números 90 e 91 de "O Desbravador". Excelente! Deus o abençoe pelo bem que vem fazendo, através de sua publicação. Precisamos de gente como o senhor, capaz de nos trazer uma mensagem certa tão atual, tão lúcida e corajosa, tão cheia de verdadeira religiosidade, seja nos editoriais, seja nos exemplares das vidas de santos, de ontem e de hoje; capaz de lembrar as coisas que, desgraçadamente, o secularismo horizontalista atirou fora.

Que Nossa Senhora, sempre presente nas páginas de "O Desbravador", proteja sempre o Sr. e aos seus bravos colaboradores.

Reze por mim.

In Xto et Matre,


Dom Manoel Pestana Filho
Bispo Diocesano

**O DESBRAVADOR**
ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANÇO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATOS
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

COMPOSIÇÃO

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

JOSE HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDEZ BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
LAURINDO GONÇALVES
GERALDO JOSÉ DE MATOS
VICENTE WALTIER S. MACHADO

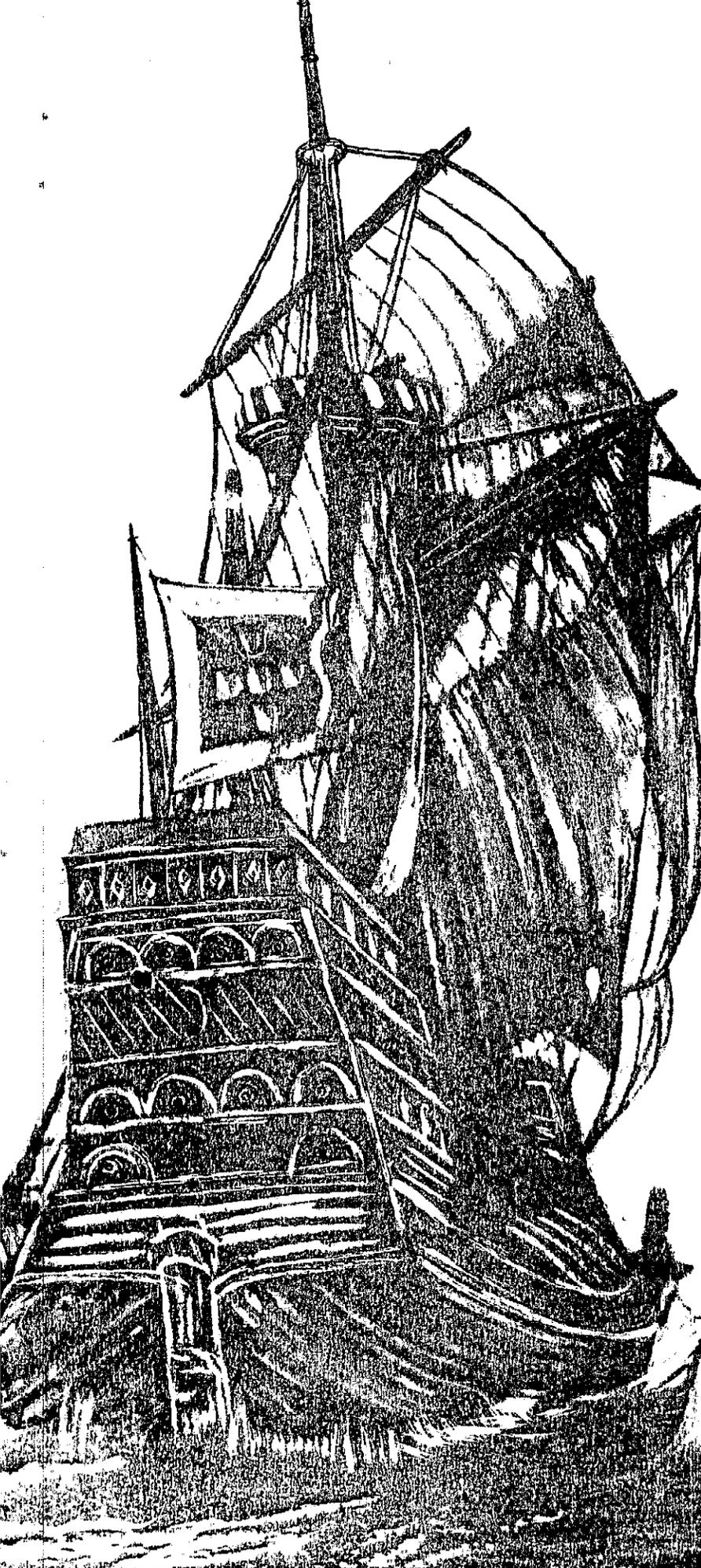
EXPEDIÇÃO

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
ROMILSON CHAVES SILVA
ROBERTO MANGINI
WALADYER NERI S. MACHADO
LUIS AKIO YASUTAKE
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
EDVAN RODRIGUES DOS SANTOS

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL 6416
01051 SÃO PAULO - SP

2 "VENHAM PARA A IGREJA CATÓLICA, E POSSUIRÃO CONOSCO NÃO SÓ A TERRA, MAS AINDA AQUELE QUE FEZ O CÉU E A TERRA" (Santo Agostinho)



Editorial

Desde que começamos a editar "O Desbravador", não nos moveu outro objetivo senão a maior Glória de Deus e o bem das almas. Procuramos ser um farol que no meio das trevas de nosso mundo mostrasse alguma luz.

As várias e receptivas cartas que nos mandaram ao cabo desses anos foram para nós motivo de estímulo para continuar a batalha e fator de responsabilidade para que, a cada dia, expandíssemos e melhorássemos o nosso boletim.

E qual não foi a nossa grande satisfação ao recebermos a carta que publicamos na íntegra em nossa página de leitores, da presente edição: a carta de um Bispo, dando-nos seu apoio, seu afeto e seu estímulo para a nossa luta.

E, quanto nos é reconfortante tal carta. Sim, temos um apreço imenso pelos sacerdotes, que possuem os maiores poderes que pode ter um ser humano: o de consagrar e o de perdoar os pecados. E mais ainda o temos pelo Episcopado, que é a plenitude do Sacerdócio.

O Bispo é um sucessor dos Apóstolos, um Príncipe da Santa Igreja, um pastor de almas e, portanto, receber uma carta de um Bispo nos alegra e enobrece sobremaneira.

Caríssimos Dom Pestana, apenas lhe dizemos: muito obrigado, lembre-se de nós em vossas orações, dê-nos vossa bênção. Fica aqui o nosso agradecimento e oração a Nossa Senhora para que Ela cumule Vossa Excelência de bênçãos e graças Maternais.

UM ERRO PROVIDENCIAL



Admiremos no fato seguinte as maravilhas da Ternura Maternal da Maria em favor de uma pobre alma transviada.

Uma noite, o padre Baron, vigário em Douai, fora chamado para confessar uma moribunda. Por causa da noite escura enganou-se e entrou em outra casa.

Entretanto, uma mocinha que encontrara no corredor, lhe disse que, no segundo andar, número tanto, havia uma pobre mulher que iria morrer em breve. Soberbe, bate à porta e um homem, mau encarado e anti-católico, apresenta-se furioso, perguntando-lhe o motivo de sua visita.

Num abrir e fechar de olhos, o padre distinguu uma senhora de feições cavélicas, deitada no chão, no fundo do quartinho. Quer adiantar-se, o homem furioso impede-o, ameaçando jogá-lo escada abaixo. A mulher, porém, disse com voz débil: "Pelo amor de Deus, Padre, vinde aqui, quero me confessar!"

O padre, com voz imperiosa, disse ao homem louco de raiva: "Vede, senhor, não posso recusar o atendimento a essa mulher, não tendes o direito de me impedir. Em Nome de Deus, retirai-vos por alguns instantes!"

O homem como que subjugado, retirou-se para o quarto vizinho. "É a Virgem que vos manda, disse a moribunda; meu marido, até hoje, resistiu a todas as minhas súplicas, recusando deixar vir um padre. Faz dez anos que não pos-

so ir à igreja por causa dele; contudo cotidianamente rezei a Ave Maria, com muita confiança, esperando ser atendida cedo ou tarde. Minha esperança não foi enganada. Estou para morrer! Quero confessar-se já!" Acaba a confissão, o padre perguntou à moribunda de que modo conseguira mandá-lo chamar.

Disse a senhora: "Não mandei ninguém". "Mas não sois a fulana de tal?" Perguntou-lhe o padre. "Não senhor; até nem conheço essa pessoa". "Mas, não é esta a casa número 30, da rua São Tiago?" "Não senhor, aqui é o número cinquenta".

Por causa das trevas da noite, o padre enganara-se de porta, e, graças a esse erro providencial, a moribunda reconciliara-se com Deus. Ouvindo isso, o padre prostrou-se para agradecer a Deus por este engano. "Agora, vou ver a senhora que me mandou chamar; voltarei em breve para trazer-vos o Viático".

Meia hora depois, estava de volta, mas, encontrou um cadáver, e o marido a joelhado, manso como ou cordeiro. Assim, a Virgem atendeu à oração da pobre mulher, mandando-lhe a salvação na hora mesmo da morte. O padre, perante o marido, repetiu as palavras da Saudação Angélica de cuja eficácia acabava de ser mais uma vez testemunha: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte".

SIM À VIDA NÃO AO ABORTO



*O heroísmo cristão
duma médica-mãe
em favor da vida:
Joana Beretta Molla.*

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Ensino como este jamais ouvido antes, mas proclamado e vivido por Jesus, encontrou ressonâncias em milhões de pessoas de todos os quadrantes da terra, desde quando o Evangelho no-lo transmitiu. Uma dessas generosas e heróicas pessoas que vem à tona nesta página, é a médica e mãe, D.^{ca} Joana Beretta Molla: sacrificou a própria vida pela vida da filhinha que ainda estava para nascer; deu um “não” consciente, livre e absoluto de repúdio ao aborto criminoso.

Uma mulher forte

Joana Beretta Molla nasceu em Magenta (Itália), no dia 4 de outubro de 1922 e morreu em Ponte Nuovo di Magenta no dia 28 de abril de 1962: na plenitude da vida, aos 40 anos de idade!

Vivem ainda muitos que a conheceram: os quatro filhos e o esposo; vários irmãos (eram sete, com ela oito), entre eles, o Pe. Alberto Beretta, também médico, que se tornou sacerdote Capuchinho e depois missionário por vários anos no Brasil (Pará e Maranhão), e uma irmã, a religiosa canossiana, Irmã Virgínia Beretta, hoje em Roma.

Joana Beretta Molla foi uma mulher autêntica e completa no mais elevado sentido da palavra; exercia um grande poder de atração e fascinação no rosto, nos olhos sempre iluminados de sorriso sereno de paz e de otimismo, envolta numa profunda fé cristã e num amor imenso a Deus e ao próximo.

Seu primeiro sonho foi vir para o Brasil como missionária leiga para servir aos outros, colaborando com seu irmão, o Padre Alberto; mas, sentiu que Deus a queria como missionária numa família, a serviço da vida.

Esposa exemplar

Em 24 de setembro de 1955 casou-se com o engenheiro Pedro Molla. Durante o namoro e o noivado e mesmo após o casamento, por causa das freqüentes viagens do marido para o exterior, Joana manteve com o esposo um contínuo carteamto em nível tão nobre, tão elevado e cristão, e ao mesmo tempo, unido a um amor e carinho tão profundos, que suas cartas formam uma verdadeira antologia de afeto puro, ternura respeitosa e amabilidade generosa e até heróica. Por exemplo, escreveu ao seu querido noivo Pedro: “... com o auxílio e a bênção de Deus, faremos tudo para que a nossa família venha a ser um cenaculozinho onde Jesus reine sobre todos os nossos afetos, desejos e ações. Meu querido Pedro, faltam poucos dias e me sinto tão comovida ao aproximar-se o dia do Sacramento do amor... Pedro querido,

“QUEM TIVER ESTA FÉ INTEIRA E BEM ATUADA, GOZARÁ DE GRANDE TRANQUILIDADE DE ANIMO NO MEIO DAS MAIORES ADVERSIDADES” (Padre Manuel Bernardes)

serei capaz de ser a esposa e a mãe que você sempre desejou?". E Joana o foi. Foi totalmente. Foi sempre esposa fidelíssima, dedicada, amorosa e mãe generosa até ao heroísmo.

Mártir do amor à vida

Deus lhe deu quatro filhos, nascidos todos de partos muito difíceis. Na quarta gestação manifestou-se nela uma doença que não lhe permitiria levar a bom termo a gravidez. Médica e profundamente cristã (sua fé e amor a Deus e à vida, ela hauriu da própria família que era uma "igreja doméstica" no sentido exato do termo. Árvore boa só pode dar bons frutos, disse Jesus; cf. Mt 7,17), Joana compreendeu a dramaticidade do seu caso e o terrível dilema: ou morrer a mãe ou matar o filhinho pelo aborto! Mas, não houve nela um instante sequer de hesitação: eis sua decisão clara, consciente e de amor supremo à vida: "Renovo a oferta da minha vida. Estou pronta para tudo, contanto que se salve meu filhinho que vai nascer". Isto ela repetia convicta e heroicamente diante da sentença da ciência médica: a vida da mãe ou a morte da criança nascitural! Aos médicos que lhe propunham o aborto como único meio de a salvar, Joana é sempre a mesma



Ao lado do pai, a filha por quem a mãe deu a vida.

coerente e cristãmente categórica: "Se tiverem que decidir entre minha vida e a vida da criança, nenhuma hesitação: escolham — e eu o exijo! —, escolham a vida do nascituro! Salvem o meu nenê!".

A criança — uma menina linda e sadia, hoje com 25 anos —, nasceu no dia 21 de abril de 1962 e recebeu no batismo o nome da mãe. Esta, Joana, veio a falecer exatamente uma semana depois: no dia 28 de abril de 1962, ofere-

cendo consciente e amorosamente o sacrifício da própria vida para não cometer o nefando crime do aborto. Foi o seu "sim" à vida. Foi o seu "não" ao aborto homicida ou antes, infanticida, que iria assassinar a indefesa filhinha!

Processo de beatificação

Em 1972, dez anos somente após a morte dessa mãe maravilhosa e exemplar, teve início o processo de beatificação de Joana Beretta Molla, pedido pelos bispos de toda a região da Lombardia, Itália; entre outras motivações, convém salientar estas: "... essa mãe mártir, por amor a Deus e em obediência ao mandamento divino que proíbe matar, testemunha e exalta o sublime heroísmo de uma esposa e mãe cristã que, no respeito de toda vida, que é sempre dom de Deus aos homens, sacrifica a própria jovem vida para dizer "sim" ao dever humano e cristão do amor... Neste nosso mundo que tende a invocar e a introduzir nas próprias legislações a legislação do aborto, a Serva de Deus Joana Beretta Molla torna-se um corajoso exemplo de comportamento cristão... Oxalá Joana suscite esta coragem em tantos lares e que as graças alcançadas venham reforçar a esperança de termos mais um exemplo de santidade reconhecido pela Igreja em defesa da vida do ser humano e para o bem do apostolado leigo".

EXTRAÍDO DO BOLETIM SALESIANO

"A IMPRENSA PORNOGRÁFICA PRODUZ TÍPICOS E SUICIDAS; A BOA IMPRENSA GERA O VALOR E O HEROÍSMO QUE PRODUZEM OS SANTOS"

S. JOÃO BOSCO

"O Desbravador" trata-se de uma revista mensal que versa sobre a doutrina e a espiritualidade católicas e que desde o seu início há quase oito anos vem tendo uma acolhida crescente.

"O Desbravador" oferece a vantagem de uma leitura mensal sobre temas de valor permanente, sendo distribuído nos domicílios sem ônus nenhum para os leitores. Porém, na atual conjuntura, "O Desbravador" vem pedir seu auxílio espontâneo para poder continuar e se expandir.

Tratando-se de um empreendimento que oferece um sugestivo de vida cristã, confiamos em que você nos estimule: mande cartas, mande endereços de outros que quiserem recebê-lo ou a quem você julgue que ele fará bem, e também mande — se puder — a sua contribuição. Mande seu donativo para "O Desbravador", Caixa Postal 6416, CEP 01051, São Paulo SP.

6 "SOIS FELIZES, Ó VIRGENS, VÓS QUE IGNORAIS ADORNOS QUE MAIS MERECEM O NOME DE TORMENTOS, VÓS CUJAS FACES SE TINGEM DE SANTO RUBOR E CUJO ENFEITE É A SANTA CASTIDADE" (SANTO AMBRÓSIO)

E
N
A
H
O
R
A
D
E



N
O
S
S
A
M
O
R
T
E
:

Na ânsia de gozar a vida muitas pessoas levam uma existência extremamente agitada. Procuram desfrutar cada segundo, aproveitar cada momento, terem, enfim, uma vida regalada.

Pensam em tudo que a isso leve: dinheiro, carros, motos, roupas, jóias, enfeites etc. São tão fiéis nesse mister que se poderia falar que praticam um culto: o "culto de gozar a vida".

Nada mais vale para essas pessoas - que hoje são tantas - a não ser "curtir" a vida, como se a vida fosse um limão que vai sendo exprimido para dar satisfação a quem toma o sumo.

Entretanto, como vão se desiludindo essas pessoas! Seja pelo fato de não satisfazerem suas péssimas aspirações, seja porque as coisas da terra não realizam o homem, seja porque um dia a "curtição" acaba, seja por causa da idade, a frustração e o vazio vão chegando.

E, essa frustração e esse vazio vão ficando mais patentes à medida em que se aproxima o momento final desta vida. Na velhice já não cabem sonhos mundanos, já não há lugar para "curtir" a vida e só fica restando a espera da morte. Morte

essa para qual a maioria dos homens não se prepara.

Sim, como vai pensar na morte quem só quer aproveitar essa vida? E, no entanto, este momento supremo é o mais importante de nossa vida, pois nele se decide o destino eterno da pessoa. A morte com pecados mortais (ainda que com um só) leva ao inferno; a morte na amizade de Deus leva ao Céu.

E, na grande maioria dos casos, a morte é conforme a vida: vida correta, morte boa; vida má, morte ruim.

Sendo assim, é loucura extrema não pensar na morte, não se preparar para ela, ou viver de maneira pecaminosa. Um dia essa loucura será cobrada e então o preço a ser pago será a eterna condenação.

Para que isso não ocorra, vivamos desde já de forma a nada temer no último instante. Rezemos a Nossa Senhora para que Ela nos faça ver como devemos sempre pensar numa boa morte. Peçamos, pois, a Ela que nos dê uma santa vida. Rezemos para que Ela nos ampare, agora, e na hora de nossa morte.

"A SANTIDADE CONSISTE EM AMAR A DEUS DE TODO O CORAÇÃO"
(Santo Afonso Maria de Ligório)

NÃO CRUZEMOS OS BRAÇOS

Um fenômeno chama a nossa atenção na crise terrível dos nossos tempos: a multiplicidade de formas de mal existentes, aliada a um grande afinco que os agentes do mal possuem e dedicam a suas empreitadas.

Os máus são decididos em buscar seus objetivos. Veja-se como os divulgadores de más leituras se empenham em difundí-las ou como as denominadas feministas pregam a liberação do terrível crime do aborto.

E nós, que nos dizemos bons, cruzaremos os braços enquanto o mundo desmorriona, enquanto a Santa Igreja sofre, enquanto tantas almas se perdem, condenando-se eternamente?

É necessário que passemos a agir em defesa de nossas convicções. É preciso começar uma grande Cruzada contra o demônio e seus agentes nessa terra.

Todos podemos participar dessa luta. Podemos agir, podemos rezar, podemos combater, podemos ensinar, podemos ao menos viver santamente.

Primeiramente, é necessário que tenhamos uma vida irrepreensível para servir de exemplo a tantos que vivem mal, para sermos farol nas trevas atuais.

De outro lado é preciso rezar: por nós para que nos tornemos santos; pelos outros para que se santifiquem. A oração é uma arma portentosa no combate a tual e a oração do terço é a arma predileta dos filhos de Nossa Senhora.

Além disso, podemos agir junto aos nossos círculos: conselhos, palavras, divulgação de orações, divulgação da boa imprensa, de práticas religiosas etc. Seria ótimo se cada um de nós fizesse de seus círculos, verdadeiros centros de apostolado.

Ademais, algumas pessoas que estão em certas funções especiais poderão fazer frutuozíssimo trabalho apostólico. Assim, uma enfermeira poderá batizar inúmeras crianças, um médico poderá impedir inúmeros abortos, um professor poderá ensinar a verdade a seus alunos, etc.

E quantos não poderão se engajar mais diretamente no combate ostensivo pela Santa Igreja? Sim, se há tantos seguidores do mundo, do demônio e da carne, porque não haverá aqueles que dedicarão o melhor de si, o tudo de si para Nossa Senhora? Não existirá ninguém que trabalhe derramando seu suor e se precioso seu sangue, pela conversão dos pecadores?

Levanta-te, jovem leitor, amiga leitora. Sai de teu sono letárgico e qual novo Cirineu ajude a Cristo a levar a Cruz. Trabalhe! Ore! Lute! Esforcemo-nos sem descanso para o triunfo da Cruz. Cristo Mesmo será tua Recompensa.



VIVENDO DE MANEIRA CATÓLICA, UM PROFESSOR PODERÁ FAZER DE SUA SALA DE AULA UM VERDADEIRO LUGAR DE APOSTOLADO. UM SINAL DA CRUZ QUE FAÇA COM CONVICÇÃO ANTES DA AULA, UM BOM CONSELHO QUE DE, O SEU EXEMPLO DE VIDA CORRETA PODERÃO SER SEMEANTES QUE FICARÃO PARA SEMPRE GRAVADOS NO CORAÇÃO DE SEUS ALUNOS. MAS NÃO SOMENTE PROFESSORES. UM EMPREGADO EM SEU SERVIÇO, UM PATRÃO COM OS SEUS EMPREGADOS, UM HOMEM DE NEGÓCIOS COM OS CLIENTES E FORNECEDORES, OS PAIS NA FAMÍLIA, TODOS TEMOS O DEVER DE SER APOSTOLOS NOS AMBIENTES EM QUE VIVEMOS

"SE FIZERMOS O BEM, ENCONTRAREMOS O BEM NESTA VIDA E NA OUTRA"
(São João Bosco)



Um dia fui feliz...

"Talvez vocês julguem que foi quando eu possuía uma grande fortuna, mas vocês se enganam. Não foi também na época em que era um artista famoso, muito menos quando eu me enxafurdava nos prazeres."

Assim falando, o velho abandonado no asilo re-memorava sua vida passada. Fora uma existência quase toda voltada para o mundo e também quase toda afastada de Deus.

"Mas creiam, eu fui feliz um dia. E, apesar dos anos, a impressão indelével daqueles momentos não se apagou de minha alma. Antes, pelo contrário, a cada descida que eu dava, mais forte era a lembrança daqueles momentos maravilhosos. A cada pecado que

"COMO NINGUÉM SE PÔDE SALVAR FORA DA ARCA DE NOÉ, ASSIM NINGUÉM SE SALVA FORA DA IGREJA"
(São Cipriano)

eu cometia, mais se acentuava o contraste entre a vida límpida e pura que eu um dia levava com aquela que eu levava naquele instante".

O velho prosseguia e deixava seus circunstantes mais curiosos por saber que felicidade ele tivera e que era o contrário daquilo que os homens comuns julgam como as metas da existência humana. Todos conheciam a vida famosa do velho, todos sabiam que ele fora um nome que estivera nos jornais, que tivera muitas aventuras românticas, que fora rico, e todos se perguntavam qual fora a felicidade que tivera, longe dos prazeres, do dinheiro e da fama.

"Eu sei que vocês vão estranhar mas a grande felicidade que eu tive foi na minha juventude. Eu gostava muito de cantar e um dia um vizinho me convidou para participar do cora da igreja em minha cidadezinha. Eu era avesso a ir à Igreja, mas pelo canto eu fui. Depois de participar de uns ensaios, participei de uma cerimônia. E no sermão o padre falou palavras que eu jamais ouvira até então: falou do céu para os bons, do inferno para os maus, da feiura do pecado, da mara vilha que é a conversão dos pecadores, falou da misericórdia de Nossa Senhora e conclamou os presentes a se confessarem de seus pecados.

Eu nunca me tinha confessado, mas como que tocado por um raio fui falar com o padre, após a cerimônia. Ele me disse que poderia me preparar para a confissão logo. Eu disse que queria me confessar naquela noite e então ele bondosamente me preparou, e quando, duas horas depois, ele me absolveu, pela primeira vez eu me senti feliz em minha vida. Parecia que um peso fora arrancado de minh'alma. Parecia que só então eu começara a viver. Um mundo novo se abria para mim.

Os dias seguintes foram dias de paraíso. Enquanto cantava no coro, fui sendo preparado para a Primeira Comunhão e num belo dia oito de dezembro, pela primeira vez recebi Nosso Senhor no meu coração. Daquele ósculo amoroso que o Divino Mestre deu em minh'alma, nunca vou me esquecer. Digam o que quiserem os mundanos, mas felicidade é aquilo, o resto é ilusão e fantasia.

Infelizmente aqueles momentos foram pouco duradouros para mim. Em função de minha voz, fui convidado a ser cantor e cantor artístico.



*Um dia fui feliz...
...e você já foi feliz
alguma vez? hoje mesmo
você ainda pode ser feliz.*

O bom padre me advertiu para que eu não trilhasse tal rumo. Mas, eu não o escutei, dizendo que me manteria bem. Pura ilusão. Em algumas semanas eu me tornara pior do que antes, até por que o dinheiro que ganhava me facilitava a isso.

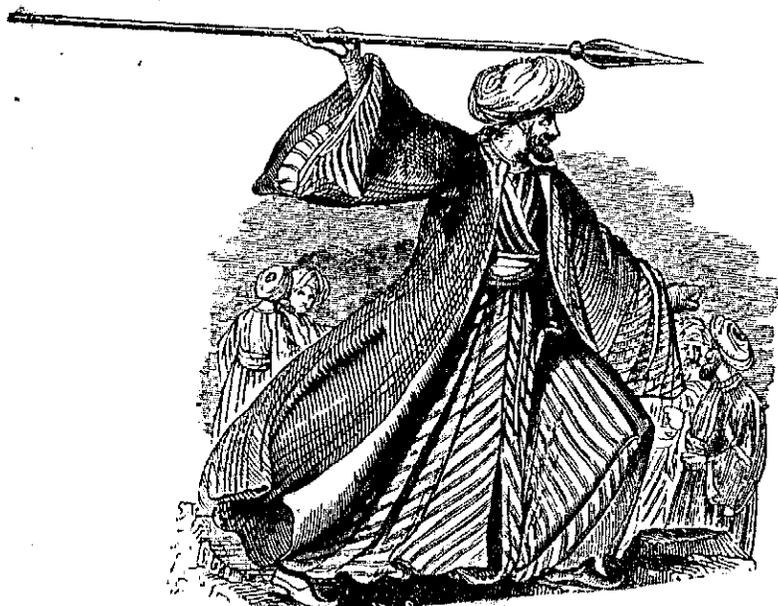
Afastei Deus de meu coração e tornei-me o que vocês conhecem: uma pessoa famosa, famosíssima para o mundo, mas sem Deus no coração.

As aparentes alegrias que tive nesses anos camuflavam uma tristeza interior indizível. Por estar longe de Deus, tudo dava errado para mim. Com os anos, a carreira acabou, o dinheiro sumiu, as "fãs" foram atrás de outros "ídolos", a velhice chegou.

Uma só coisa durou: a saudades daqueles únicos momentos felizes que tive na vida. Aliás eram os únicos. Por graça de Deus e de Nossa Senhora, hoje de manhã, após 60 anos, qual outro filho pródigo, voltei à amizade de Deus. O capelão do asilo ouviu-me em confissão e hoje - infelizmente só hoje - voltei a ser feliz. Deus voltou a minh'alma (de onde aliás nunca teria saído se eu não O tivesse expulsado) e veio também pela Santa Comunhão.

Se eu tiver algum pouco de vida que seja, não mais quero me afastar de Deus: Hoje após 60 anos posso dormir tranquilo. Deus está comigo. Boa noite".

AINDA SE MORRE POR DEUS



OS JANIZARDS ERAM MUÇULMANOS FANÁTICOS QUE SE OPUNHAM A NOSSA SANTA RELIGIÃO. AINDA HOJE HÁ QUEM - FANÁTICAMENTE - ATAQUE A NOSSA FÉ

Há algum tempo, quem escreve estas linhas precisava de uma condução rápida mas estava com pouco dinheiro no bolso, diante da pressa, perguntou a um senhor num farol, para onde ele ia com seu carro. Por uma coincidência o destino era o mesmo e ele obteve uma carona.

Após as apresentações de praxe, o proprietário do automóvel disse que era libanês, fato esse que aguçou o interesse em saber se o mesmo era católico.

Perguntado ele respondeu que ele e toda a sua família eram católicos, com muita honra e não somente isso. Mostrou as marcas de balas de metralhadora em sua perna, que lhe haviam causado os mutilamentos. A seguir revelou que estes últimos quando aprisionavam os católicos, colocavam diante deles um Crucifixo ou uma imagem de Nossa Senhora e na cabeça um cano de revólver. A opção que era dada era a seguinte: ou cuspir nas imagens sacras ou serem mortos imediatamente.

Ele disse então que em sua família havia dois mártires, pois um seu primo de 26 anos e outro de 24, um médico e outro advogado, colocados nessa situação, preferiram morrer a profanar as santas imagens, que representam o Divino Mestre e Sua Mãe Santíssima. Ele concluiu, afirmando a fidelidade deles, católicos maronitas* à Santa Igreja e ao Papa.

O redator dessa chegou então a seu destino, despediu-se, agradeceu a condução, e saiu do carro com a alma repleta de alegria, dizendo: "ainda hoje se morre por Nosso Senhor, ainda se dá a vida por Nossa Senhora". No meio das trevas do mundo em que vivemos era uma luz que aparecia e que ele fez questão de não colocar debaixo do alqueire, mas revelar a todos os amáveis leitores de "O Desbravador".

*MARONITAS: Católicos do Líbano

UMA CENA REAL DO SÉCULO XX: O ASSASSINATO DO PADRE MIGUEL PRÓ S. J. NO MÉXICO, POR ÓDIO À FÉ CATÓLICA. EXEMPLOS COMO ESSE SÃO FREQUENTES NO DECORRER DA HISTÓRIA DA SANTA IGREJA.



"QUEM ABANDONA A IGREJA DE CRISTO NÃO CHEGARÁ AOS PRÊMIOS DE CRISTO. TORNA-SE ESTRANHO, TORNA-SE PROFANO, TORNA-SE INIMIGO. NÃO PODE TER DEUS POR PAI, QUEM NÃO TEM A IGREJA POR MÃE" (São Cipriano)

Os Sacramentos em caso de morte real e aparente



Qual o dever do católico de zelar para que o maior número de pessoas recebam os últimos Sacramentos? O que deve fazer no caso de ter havido já o desenlace? Até quanto tempo depois do falecimento aparente da pessoa podem ser administrados os Sacramentos?

Pareceu-nos oportuno transcrever aqui um utilíssimo estudo do sacerdote salesiano Pe. Carlos Scandrogllo, sob o título "A morte real e a morte aparente em relação aos Santos Sacramentos". O trabalho foi impresso em 1969, na Argentina, em forma de folheto, sendo ele distribuído aos milhares nas portas das igrejas, para orientar os fiéis sobre a problemática acima. Sintético, mas profundo, o opúsculo apóia-se na autoridade de grandes canonistas e moralistas. Passamos a transcrevê-lo:

"As mortes repentinas são muito frequentes. Os que provavelmente ainda vivem, mesmo quando o vulgo os crêem mortos, devem receber os Sacramentos condicionalmente, mesmo no caso em que haja uma tênue probabilidade de vida. Pode suceder que almas que, de outro modo, se condenariam, pelo efeito dos Sacramentos recebidos se salvem. Por exemplo: se, estando em pecado mortal, certas pessoas fizerem um ato de atrição, do qual não se retrataram, e recebem a santa absolvição, havendo ainda um fio de vida latente.

Até onde podemos supor que haja vida?

1.º — Provavelmente todas as pessoas, depois do instante em que se as presumem mortas, continuam vivas por mais ou menos tempo, segundo a "causa mortis", mesmo quando aparentemente cessem as grandes funções: respiração pulmonar, circulação etc.

2.º — O único sintoma de morte segura é a putrefação. Os demais sintomas serão prováveis e mesmo probabilíssimos de morte, mas nunca de morte absolutamente certa.

Depois da parada cardíaca, a vida permanece ainda um tempo variável, que a experiência poderá um dia determinar, mas que existe.

Muitas vezes sucedeu que os médicos, depois de uma hora de auscultações, abriram o peito de suposto cadáver, e comprovaram sem nenhuma dúvida, que o coração tinha ainda suas pulsações próprias.

O autor cita aqui o exemplo de um sacerdote salesiano que, tido por morto, quando estava prestes a ser enterrado, voltou a si. Deixou então recomendação escrita para que, depois de seu falecimento, só o enterrassem 24 horas depois do desenlace para que novamente não ocorresse o mesmo, acrescentando que, segundo as estatísticas, é grande o número dos sepultados vivos.

3.º — Nos casos de morte aparentemente repentina, a vida latente provavelmente dura até que apareçam os sintomas da putrefação.

Nos casos de morte por causas externas (ralos, afogamento, sufocação etc), ou por causas internas (apoplexias, epilepsia, letargo, histeria, asfixia, hemorragia, narcotismo, intoxicação, pestilência etc), indivíduos voltaram à plena vida depois de horas e até depois de dias (da morte aparente). Em todos os casos mencionados deve ser chamado o sacerdote, e este tem a obrigação de sacramentar (dar absolvição, extrema-unção etc) sob condição, até duas ou três horas, após ocorrido o acidente.

4.º — Nos casos de pessoas que morrem de enfermidade ordinária, provavelmente a vida latente dura uma meia hora, desde o momento em que vulgarmente se os presumem mortos. A razão dessa diferença é óbvia, pois nos casos anteriores, um acidente repentino encontra o organismo frequentemente são e robusto (com reservas orgânicas). Os órgãos internos, intimamente associados e reforçados, sustentam a vida interna mesmo que estejam paralisadas as grandes funções. Pelo contrário, durante as enfermidades, todo o organismo se consome e se dissocia, pelo que, desaparecendo a vida externa, imediatamente deve cessar também a vida íntima.

Médicos doutíssimos (v. gr., Laborde, Cirera, Basols, Blanc) e academias européias inteiras julgam que, em todos, provavelmente persevera a vida latente mais de uma hora (depois da morte aparente). A essas pessoas pode-se não só absolver, mas também dar a extrema-unção?

Sem dúvida alguma, desde que se possa presumir nelas alguma dor (pelos pecados) e desejo de salvação (c. fr. os moralistas Genicot, n. 422; Noldin, l.c. n. 444; Alberti, l.c.). Nestes casos, mesmo sem confissão, o sacramento da Extrema-Unção, por efeito secundário apaga, por si mesmo, os pecados mortais, suposta na pessoa alguma atrição e boa fé. O sacerdote instrua os presentes e dê a extrema-unção sob condição.

Conclusões

1.º — Os fiéis têm a obrigação de chamar o sacerdote para que absolva e conceda a extrema-unção sob condição aos que se dizem mortos repentinamente ou mortos em acidente como afogados, fulminados, devido a queda, ferimento, asfixia etc., mesmo depois de várias horas de aparentemente mortos a juízo de médicos peritos.

2.º — Toda vez que o sacerdote possa, deve acudir o quanto antes, por obrigação grave de caridade ou de justiça para administrar as pessoas aludidas, os santos sacramentos sob condição.

3.º — Nestes últimos tempos, descobriram-se métodos pelos quais fez-se tornar à vida indivíduos que, de modo particular em acidentes repentinos, pareciam mortos recentemente. Os médicos têm a grave obrigação de utilizar tais meios. Entre estes sobressai, por sua simplicidade e eficácia, o das trações rítmicas da língua.

Quem não vê a importância de conhecer essas questões de cuja ciência e boa prática deve se esperar, em muitíssimos casos, a salvação das almas?

Importantíssimo

E o que dizer dos que deixam morrer os parentes ou dependentes sem Sacramentos? Os finados rumam para a eternidade em estado de pecado mortal e certamente se condenarão. Deus pedirá estritas contas a essas almas, como também aos que podiam e deviam procurar-lhes os auxílios religiosos". Carlos V. Scandrogllo, S.D.B., Buenos Aires, 1969. 4.ª edição.

COLUNA CATÓLICA
ESTANISLAU DO CARMO
FOLHA DA TARDE

" NÃO SE PODE FAZER MELHOR USO DOS BENS DA TERRA DO QUE EMPREGÁ-LOS EM OBRAS DE CARIDADE" (São Vicente de Paulo)